

# Aula 10 - O Dever de Memória: Traumas e Ditaduras

Imagine-se no final de um dia exaustivo, a mente já cansada, mas a curiosidade ainda acesa. Você se pergunta: por que visitar histórias que trazem dor, como as de ditaduras, guerras e genocídios? Não seria mais fácil simplesmente esquecer e seguir em frente? A verdade é que, embora o esquecimento possa parecer um caminho de menor resistência, a memória, especialmente a dos eventos traumáticos, é um pilar fundamental para a construção de um futuro mais justo e consciente.

Nesta aula, vamos mergulhar no conceito do **Dever de Memória**, explorando como a lembrança de eventos traumáticos não é apenas um ato de respeito às vítimas, mas uma ferramenta poderosa para a prevenção de futuras atrocidades. Compreenderemos por que é crucial "nunca mais esquecer" e qual o papel de cada um de nós nesse processo.

Ao final desta jornada, você será capaz de identificar os mecanismos pelos quais a memória coletiva é construída e disputada, analisar a importância de testemunhas, arquivos e comissões da verdade, e aplicar esses conhecimentos para compreender o complexo caso da Comissão Nacional da Verdade (CNV) no Brasil. Além disso, exploraremos as novas fronteiras da memória, como a interseccionalidade, a memória digital e os estudos decoloniais, preparando você para uma análise crítica e aprofundada.

Nossa conversa de hoje é um convite para refletir sobre como o passado, mesmo o mais doloroso, molda nosso presente e nos oferece lições valiosas para o futuro. Prepare-se para conectar pontos, questionar narrativas e fortalecer sua compreensão sobre um dos temas mais urgentes da contemporaneidade.

# A Memória Como Campo de Batalha

Você já parou para pensar por que, mesmo décadas depois de um evento histórico, as pessoas ainda discutem sobre o que realmente aconteceu? Por que certas narrativas são promovidas e outras, silenciadas?

A memória, especialmente a coletiva, não é um registro neutro e objetivo do passado. Ela é, na verdade, um campo de batalha, um espaço onde diferentes grupos sociais disputam o direito de contar a história e de definir o que deve ser lembrado e como.

Eventos traumáticos de grande escala – como guerras, genocídios e ditaduras – deixam cicatrizes profundas não apenas nos indivíduos, mas em toda a sociedade.



Pense na memória como uma cicatriz no corpo social. Uma cicatriz não é apenas uma marca física; ela conta uma história de uma ferida que foi curada, mas que deixou um vestígio permanente.

# O Imperativo do "Nunca Mais Esquecer"

## Reconhecimento

A memória não é um fardo, mas uma responsabilidade de reconhecer os erros mais sombrios da humanidade.

## Compreensão

Entender os mecanismos que levaram à desumanização e à violência em massa.

## Ação

Agir para dismantelar esses mecanismos sempre que eles ressurgirem na sociedade.

A expressão "Nunca Mais" ecoa em diversos memoriais e monumentos ao redor do mundo, especialmente aqueles dedicados às vítimas de genocídios e atrocidades. Essa frase não é apenas um lamento pelo que foi perdido, mas um poderoso juramento coletivo.

Podemos pensar no "Nunca Mais" como um sistema de alarme social. Assim como um detector de fumaça nos alerta para um incêndio incipiente, a memória de eventos traumáticos nos serve de alerta para os sinais de perigo na sociedade.

# Testemunhas: As Vozes Que Rompem o Silêncio



Em meio ao caos e à violência de eventos traumáticos, muitas vezes as primeiras vítimas são a verdade e a capacidade de narrar o que aconteceu. Regimes autoritários e perpetradores de atrocidades frequentemente tentam apagar vestígios, destruir provas e, acima de tudo, silenciar as vozes daqueles que presenciaram os horrores.

É nesse cenário que as testemunhas emergem como figuras de importância inestimável.

01

---

## Experiência Direta

As testemunhas são os olhos e ouvidos do passado, aqueles que viveram a experiência em primeira mão.

02

---

## Narrativa Humana

Suas narrativas trazem à tona a dimensão humana e individual dos eventos, que muitas vezes se perdem nas grandes estatísticas.

03

---

## Prova Judicial

Em muitos casos, seus depoimentos são as únicas provas capazes de incriminar perpetradores e garantir que a verdade seja estabelecida.

Imagine uma testemunha como um farol em meio a uma névoa densa. A névoa representa a desinformação, o negacionismo e o esquecimento que tentam obscurecer a verdade. O farol, com sua luz persistente, guia os navios – ou seja, a sociedade – através da escuridão.

# Arquivos e Documentos: Os Guardiões Silenciosos da Verdade

Se as testemunhas são as vozes do passado, os arquivos e documentos são seus guardiões silenciosos. Em contextos de violência e repressão, a destruição de registros é uma tática comum para apagar a história e dificultar a responsabilização.



## Evidências Irrefutáveis

Os arquivos contêm os nomes das vítimas, os detalhes das operações repressivas, as ordens dos comandantes e as denúncias dos que resistiram.



## Mapeamento Histórico

Cada documento é um ponto que, quando conectado a outros, revela a topografia completa daquele período.

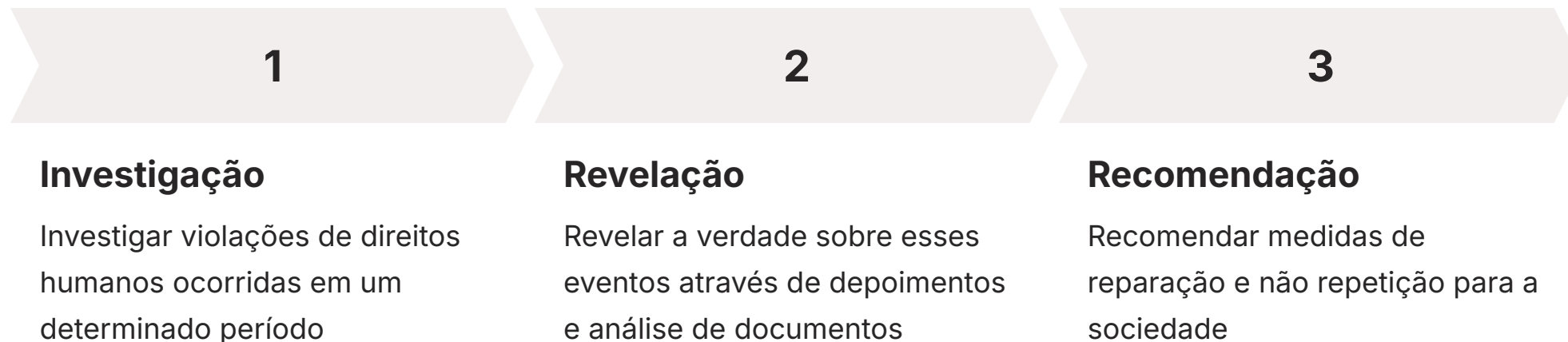


## Preservação da Verdade

A preservação desses materiais são atos de resistência e de compromisso com a verdade histórica.

A luta pelo acesso aos arquivos da ditadura militar no Brasil é um exemplo claro dessa importância. Por anos, informações cruciais foram mantidas em sigilo, dificultando a plena compreensão dos crimes cometidos.

# Comissões da Verdade: Buscando a Justiça e a Reconciliação



Quando uma sociedade emerge de um período de violência massiva, como uma ditadura ou um conflito civil, a questão de como lidar com o passado se torna central. É nesse contexto que surgem as **Comissões da Verdade**.

Podemos visualizar uma Comissão da Verdade como um grande quebra-cabeça. As peças estão espalhadas: depoimentos de vítimas, documentos secretos, relatórios de autópsia, notícias da época. A comissão tem a tarefa de reunir todas essas peças e montá-las para formar a imagem completa.

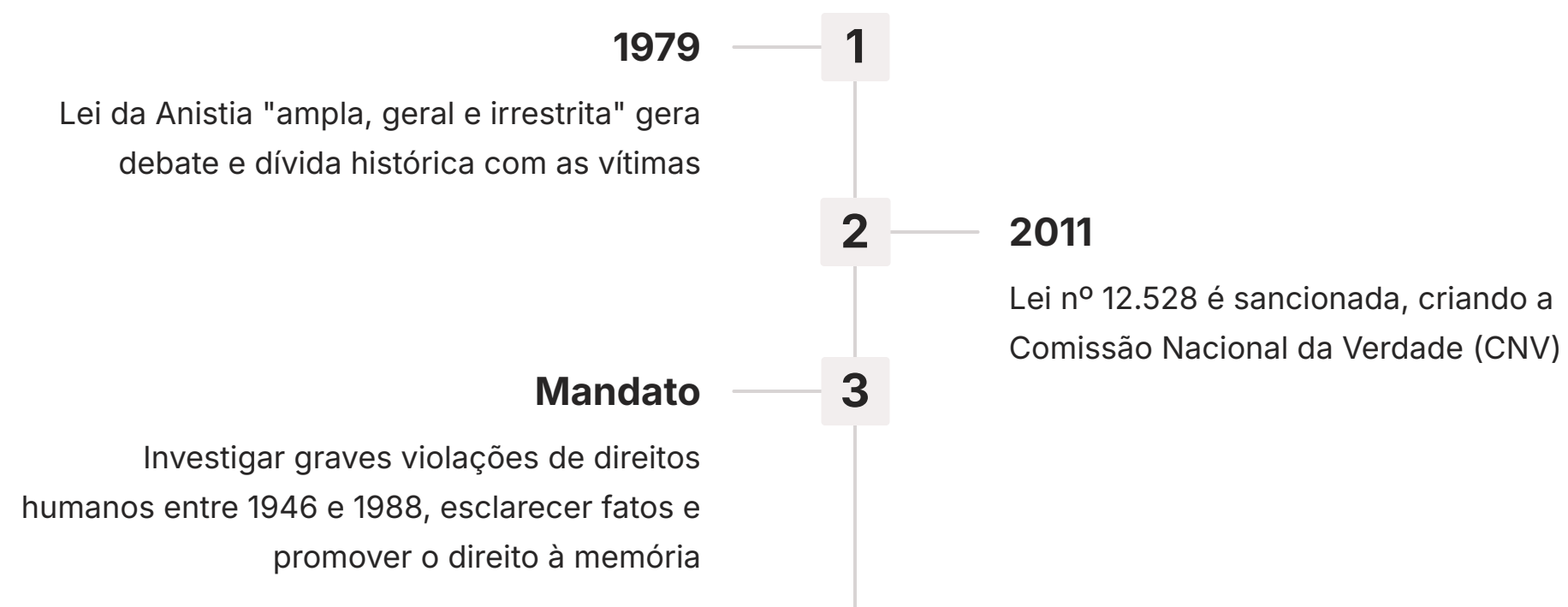
Exemplos notáveis incluem a Comissão da Verdade e Reconciliação da África do Sul, que lidou com os crimes do Apartheid, e as comissões na Argentina e no Chile, que investigaram as ditaduras militares em seus países.

# A Comissão Nacional da Verdade (CNV) no Brasil

## Contexto Histórico

O Brasil viveu um longo período de ditadura militar (1964-1985) que deixou marcas profundas na sociedade. Durante esses 21 anos, milhares de pessoas foram presas, torturadas, exiladas e centenas foram mortas ou desapareceram por motivos políticos.

Ao contrário de outros países que realizaram processos de justiça de transição mais robustos, o Brasil optou por uma Lei da Anistia (1979) que, na prática, anistiou tanto os opositores do regime quanto os agentes do Estado que cometeram crimes.



A criação da CNV pode ser vista como um rio que tenta desviar de obstáculos. Por muito tempo, o fluxo da verdade foi represado pela Lei da Anistia e pela falta de vontade política.

# A CNV em Ação: Descobertas e Desafios

## 434

### Mortos e Desaparecidos

Vítimas identificadas pela CNV durante o período investigado

## 4000+

### Páginas do Relatório

Detalhamento completo das violações e recomendações

## 2.5

### Anos de Trabalho

Duração das investigações e coleta de depoimentos

Com sua instalação em 2012, a Comissão Nacional da Verdade (CNV) iniciou um trabalho árduo e complexo. Durante dois anos e sete meses, seus sete membros, auxiliados por uma equipe técnica, se dedicaram a coletar depoimentos, analisar documentos sigilosos, realizar audiências públicas e investigar casos de tortura, morte e desaparecimento forçado.

### Principais Descobertas

- Prática sistemática de tortura como política de Estado
- Revelação de centros clandestinos de detenção
- Participação de agentes civis e empresariais na repressão

### Desafios Enfrentados

- Resistências das Forças Armadas
- Dificuldades no acesso a documentos
- Tentativas de deslegitimação do trabalho

Pense na CNV como um arqueólogo desenterrando ruínas antigas. Cada depoimento, cada documento era um fragmento de um passado soterrado. O arqueólogo trabalha com cuidado, paciência, enfrentando a poeira e a resistência do solo, para revelar a estrutura completa da civilização perdida.

# O Legado da CNV e a Memória da Ditadura Hoje

## Impactos Positivos

### Reconhecimento Oficial

Primeira vez que o Estado brasileiro reconheceu oficialmente as graves violações de direitos humanos

### Fonte de Pesquisa

O relatório se tornou referência primária para historiadores, juristas e cientistas sociais

### Reparação Simbólica

Base para nomeação de ruas e praças em homenagem às vítimas

## Desafios Persistentes

### Polarização Política

Reacendimento de narrativas revisionistas que tentam negar os crimes da ditadura

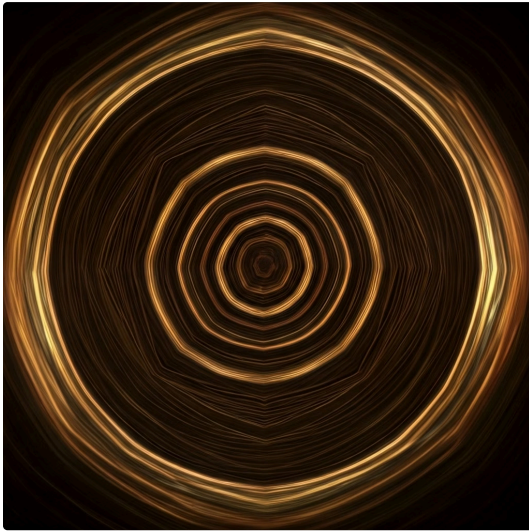
### Falta de Responsabilização

Ausência de punição criminal dos torturadores devido à interpretação da Lei da Anistia

O relatório final da Comissão Nacional da Verdade (CNV), entregue em dezembro de 2014, representou um divisor de águas no debate sobre a ditadura militar no Brasil.

A memória da ditadura, impulsionada pela CNV, é como uma semente plantada em solo fértil. Ela germinou, cresceu e deu frutos, mas precisa ser constantemente regada e protegida de pragas. Se não cuidarmos dela, o solo pode secar, as pragas podem se espalhar e a planta pode murchar.

# Interseccionalidade e Memória



Quando falamos em memória de eventos traumáticos, é comum que a narrativa dominante se concentre em certas experiências, muitas vezes as de grupos majoritários ou mais visíveis. No entanto, a realidade é muito mais complexa.

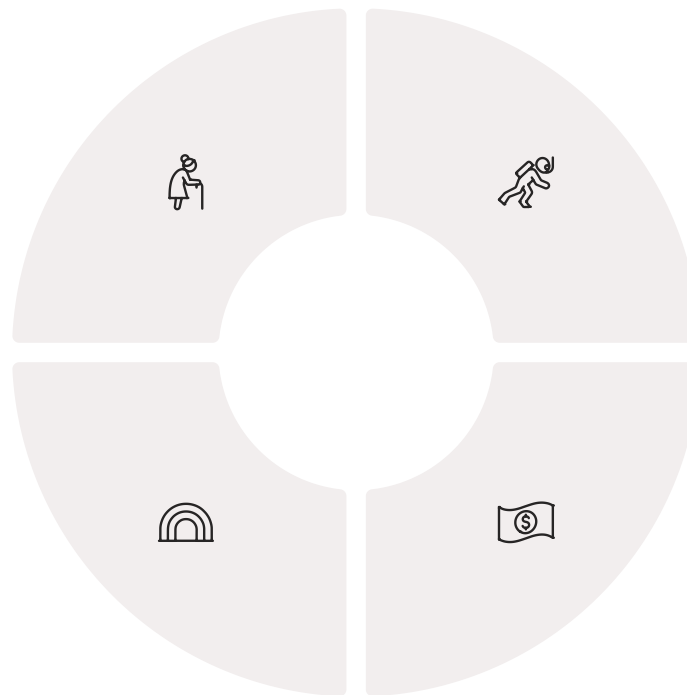
A forma como uma pessoa vivencia e lembra um trauma, como uma ditadura, é profundamente atravessada por sua posição social, ou seja, por marcadores como raça, gênero, classe social e sexualidade.

## Gênero

Experiências específicas de violência e repressão baseadas no gênero

## Sexualidade

Perseguições específicas contra pessoas LGBTQIA+



## Raça

Impactos diferenciados da repressão sobre populações racializadas

## Classe Social

Vulnerabilidades distintas baseadas na posição socioeconômica

Pense na memória como um caleidoscópio. Cada giro do caleidoscópio revela um novo padrão, uma nova imagem, formada pelas mesmas peças de vidro, mas rearranjadas de uma maneira diferente. As peças são os eventos históricos, mas a forma como as vemos depende das lentes através das quais olhamos.

# Vozes Silenciadas: Memórias Negras, Indígenas, LGBTQIA+



## População Negra

Ativistas negros foram perseguidos não apenas por sua oposição ao regime, mas também por sua luta contra o racismo, vista como "ameaça" ao desenvolvimento nacional.

Aplicando a lente da interseccionalidade, percebemos que a ditadura militar brasileira não afetou a todos da mesma forma. Enquanto a repressão atingiu amplamente estudantes, intelectuais e trabalhadores, a experiência de grupos como a população negra, os povos indígenas e a comunidade LGBTQIA+ foi marcada por uma dupla camada de violência.

É como se a história oficial fosse um palco iluminado, mas apenas alguns atores tivessem permissão para aparecer sob os holofotes. Muitos outros, igualmente importantes, permaneceram nas sombras, suas histórias não contadas, suas dores não reconhecidas.

Resgatar essas memórias silenciadas é um ato de justiça e um enriquecimento para a memória coletiva. Projetos de pesquisa, documentários e movimentos sociais têm desempenhado um papel crucial nesse resgate.



## Povos Indígenas

Sofreram perseguição pela resistência à exploração de suas terras, enfrentando uma dupla violência: política e territorial.



## Comunidade LGBTQIA+

Enfrentaram perseguição não só por atuação política, mas também por sua orientação sexual ou identidade de gênero, em um período de forte conservadorismo.

# Memória Digital e Pós-verdade



Vivemos na era digital, onde a informação flui em velocidade vertiginosa e a construção da memória coletiva não se dá mais apenas por livros, museus ou testemunhos presenciais. As redes sociais, os blogs, os vídeos e os aplicativos de mensagens se tornaram espaços poderosos para a formação e disseminação de narrativas sobre o passado.



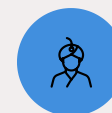
## Pós-verdade

Cenário em que fatos objetivos têm menos influência na formação da opinião pública do que apelos à emoção e crenças pessoais.



## Fake News

Notícias falsas ou distorcidas que proliferam com o objetivo de manipular a percepção sobre eventos históricos.



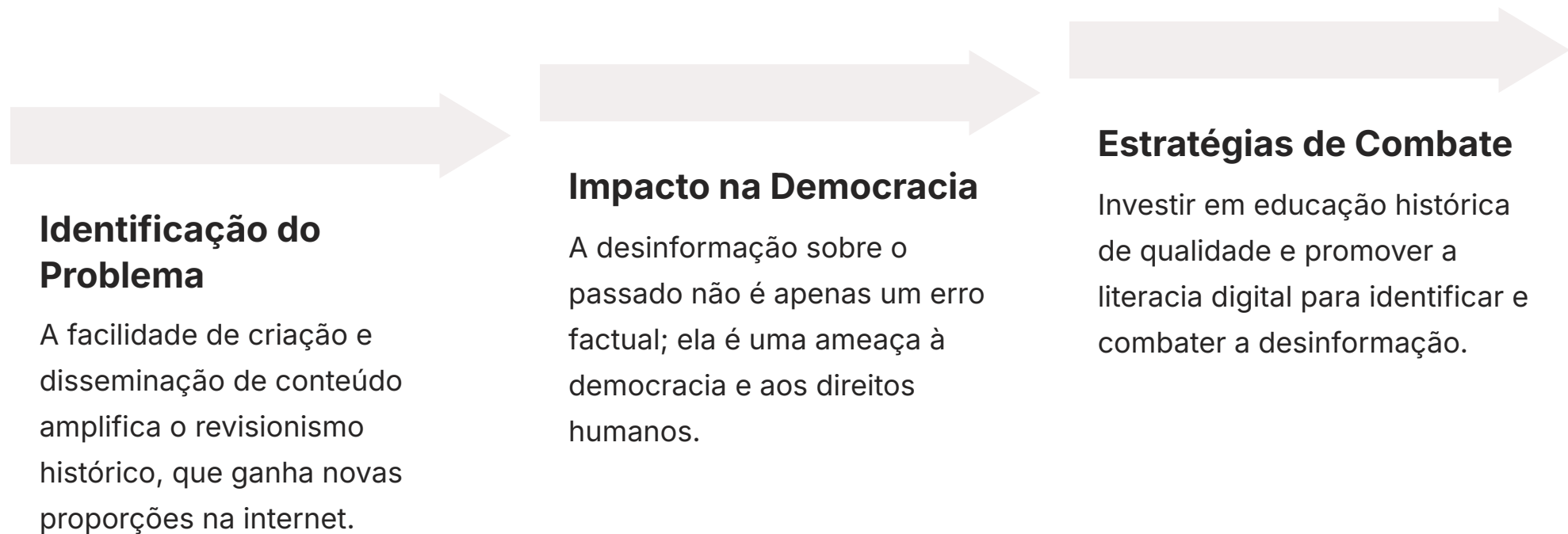
## Revisionismo

Narrativas que tentam reescrever o passado para justificar regimes autoritários encontram terreno fértil nas redes.

Pense na memória digital como um eco em uma caverna vasta e complexa. Cada informação que é postada, compartilhada ou curtida é um som que se propaga. No entanto, em vez de um eco claro e fiel, muitas vezes o que ouvimos são distorções, ruídos e múltiplas vozes que se sobrepõem.

Essa dinâmica representa um risco significativo para o dever de memória. Se a verdade histórica pode ser facilmente contestada e substituída por narrativas falsas, o aprendizado com o passado se torna inviável.

# Desafios da Memória na Era Digital

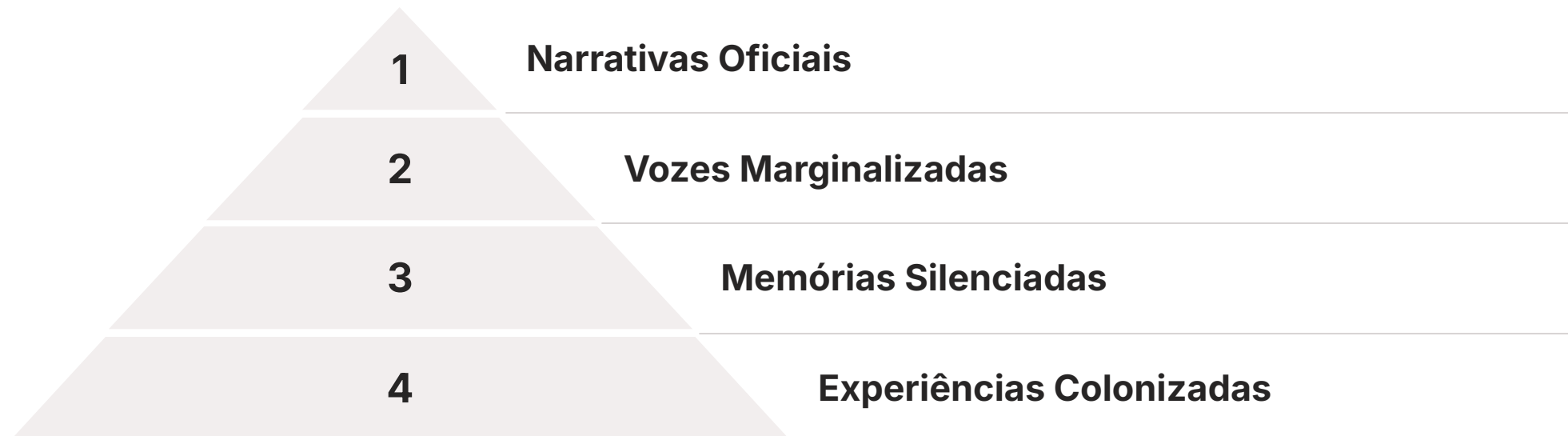


Imagine a memória histórica como uma biblioteca vasta e bem organizada. Cada livro é um evento, um testemunho, um documento. A era digital, com a pós-verdade e o revisionismo, é como se alguém estivesse constantemente entrando nessa biblioteca, trocando as capas dos livros, alterando páginas ou até mesmo inventando novos livros com informações falsas.

O trabalho de quem defende a memória é ser um bibliotecário vigilante, que protege a integridade do acervo e orienta os leitores para fontes confiáveis.

Para combater esses desafios, é essencial investir em educação histórica de qualidade, que ensine não apenas os fatos, mas também a pensar criticamente sobre as fontes e as narrativas. A promoção da literacia digital torna-se uma ferramenta indispensável para capacitar os indivíduos a identificar e combater a desinformação.

# Estudos Decoloniais: Desconstruindo Memórias Hegemônicas



Até agora, falamos sobre a memória de traumas como ditaduras e genocídios, mas é crucial expandir nossa compreensão para além das narrativas eurocêntricas ou ocidentais dominantes. Os **Estudos Decoloniais** oferecem uma perspectiva crítica fundamental nesse sentido.

Eles questionam como o conhecimento, a história e a memória foram construídos a partir de uma lógica colonial, que privilegiou as vozes e experiências dos colonizadores, silenciando e subalternizando as dos povos colonizados.

Pense na decolonialidade como um processo de desenterrar camadas de terra. Por muito tempo, a história e a memória foram enterradas sob camadas de narrativas oficiais, que escondiam as vozes e as experiências dos povos oprimidos. Os estudos decoloniais são as ferramentas que nos permitem cavar mais fundo, remover essas camadas e trazer à luz as memórias que foram deliberadamente soterradas.

Ao adotar uma perspectiva decolonial, somos desafiados a olhar para a história com outros olhos, a buscar as narrativas dos povos originários, dos afrodescendentes, das comunidades marginalizadas. Isso não é apenas um exercício acadêmico, mas um ato político e ético de reparação e reconhecimento.

# Resgatando Memórias Subalternizadas

## Escavidão no Brasil

A memória da escravidão no Brasil, que durou mais de 350 anos, foi por muito tempo tratada de forma superficial ou até mesmo romantizada. A perspectiva decolonial nos força a confrontar a brutalidade desse período e reconhecer a agência e resistência dos povos africanos.



## Genocídio Indígena

A memória dos genocídios e da violência contra os povos indígenas, que se estende desde a chegada dos europeus, precisa ser plenamente reconhecida e integrada à nossa compreensão da história nacional.



### Museus e Memoriais

Criação de espaços que contem essas histórias marginalizadas



### Apoio à Pesquisa

Financiamento de pesquisas que deem voz a grupos subalternizados



### Participação Social

Envolvimento das comunidades na construção de suas narrativas



### Revisão Curricular

Atualização de currículos escolares para incluir perspectivas diversas



### Combate ao Racismo

Ação ativa contra todas as formas de discriminação

É como se a história fosse um grande rio, mas por muito tempo só tivéssemos navegado em seu leito principal, ignorando os afluentes e as nascentes. As memórias subalternizadas são esses afluentes e nascentes, que, embora menos visíveis, são igualmente importantes para a formação do fluxo total do rio.

O resgate dessas memórias não é apenas uma tarefa de historiadores; é um compromisso de toda a sociedade. Para quem atua em qualquer área que envolva a construção de narrativas ou a promoção da justiça social, essa abordagem decolonial é um caminho para uma memória mais justa e representativa.

# Neurociência da Memória: Como o Cérebro Lida com o Trauma?



Até agora, abordamos a memória sob uma perspectiva social, histórica e política. Mas o que acontece no nível biológico quando vivenciamos um trauma? A neurociência da memória oferece insights fascinantes sobre como o cérebro processa, armazena e recupera experiências, especialmente aquelas carregadas de forte impacto emocional.

01

---

## Ativação da Amígdala

Área responsável pelo processamento do medo é intensamente ativada durante eventos traumáticos

03

---

## Liberação de Cortisol

Hormônios do estresse podem afetar a forma como a memória é codificada e armazenada

02

---

## Impacto no Hipocampo

Região crucial para a formação de novas memórias é afetada pela liberação de hormônios do estresse

04

---

## Memórias Fragmentadas

Resultado pode ser memórias intrusivas, flashbacks ou lacunas na recordação

Pense no cérebro como um arquivo extremamente complexo. Em situações normais, ele organiza as informações de forma lógica, como pastas e subpastas. No entanto, quando um trauma ocorre, é como se um terremoto atingisse esse arquivo. Algumas pastas são jogadas para fora, outras ficam incompletas, e algumas informações são armazenadas em locais inesperados.

A neurociência nos ajuda a entender que as reações de uma pessoa traumatizada não são "fraqueza", mas respostas biológicas complexas a eventos extremos. Esse conhecimento é vital para profissionais da saúde, psicólogos, assistentes sociais e educadores.

# Memória Traumática: Fragmentos e Resiliência



## Flashbacks

Imagens vívidas, sons, cheiros ou sensações físicas que disparam lembranças intensas, fazendo a pessoa reviver o trauma como se estivesse acontecendo no presente.



## Dissociação

Mecanismo de defesa onde a mente se "desconecta" da realidade para lidar com a dor insuportável, resultando em lacunas na memória.



## Resiliência

Capacidade humana de buscar significado, apoio social e possibilidade de narrar a própria história como elementos cruciais na recuperação.

A memória de eventos traumáticos, como a tortura ou a perda de entes queridos em ditaduras, frequentemente se manifesta de maneiras distintas da memória comum. Em vez de uma narrativa linear e coesa, ela pode surgir em fragmentos.

Imagine a memória traumática como um espelho quebrado. Em vez de uma imagem completa e clara, você vê apenas cacos, cada um refletindo um pedaço da realidade de forma distorcida ou intensa. A resiliência, nesse contexto, não é a capacidade de colar o espelho de volta ao normal, mas sim a habilidade de aprender a viver com os cacos, talvez até mesmo transformando-os em um mosaico que, embora diferente, ainda reflete a luz e conta uma história.

Compreender a natureza da memória traumática é fundamental para quem atua em áreas de apoio psicossocial, saúde mental ou direitos humanos. Reconhecer que as vítimas podem ter dificuldades em narrar seus traumas de forma linear é um passo crucial para oferecer um suporte adequado e respeitoso.

# O Dever de Memória no Século XXI

## Combate à Desinformação

Luta contra fake news e revisionismo histórico nas redes sociais

## Vigilância Democrática

Alerta contra a ascensão de movimentos populistas e autoritários



## Perspectivas Inclusivas

Integração de visões interseccionais e decoloniais para uma memória mais representativa

## Compreensão Neurocientífica

Aplicação do conhecimento sobre trauma para apoio mais eficaz às vítimas

Chegamos a um ponto crucial de nossa jornada: como o **Dever de Memória** se manifesta e se adapta aos desafios do século XXI? Vimos que a memória é um campo de batalha, que as vozes silenciadas precisam ser ouvidas e que a era digital trouxe tanto oportunidades quanto ameaças.

Pense no dever de memória como um músculo. Se você não o exercita, ele atrofia. Se você o exercita regularmente, ele se fortalece e se torna mais resistente. No século XXI, com tantas distrações e tentativas de distorção, precisamos exercitar esse músculo da memória coletiva de forma ainda mais intencional e estratégica.

A educação desempenha um papel central nesse processo. É por meio dela que as novas gerações podem aprender sobre o passado, desenvolver o pensamento crítico e se tornar agentes ativos na construção de uma sociedade que valoriza a verdade, a justiça e os direitos humanos.

# Construindo um Futuro Consciente



## Consciência Crítica

Desenvolvimento da capacidade de análise e questionamento das narrativas dominantes

---



## Ferramentas de Transformação

Uso da memória como instrumento para identificar padrões de opressão e inspirar mudanças

---



## Construção do Futuro

Aplicação das lições do passado para imaginar e construir novas possibilidades sociais

---



## Base Sólida

Estabelecimento de fundações resistentes baseadas na verdade e na justiça

Ao longo desta aula, exploramos as múltiplas facetas do dever de memória, desde a importância de lembrar eventos traumáticos até os desafios impostos pela era digital e a necessidade de incluir vozes silenciadas. Percebemos que a memória não é apenas um olhar para trás, um registro passivo do que já foi, mas uma força ativa que molda nosso presente e nos capacita a construir um futuro diferente.

Imagine a memória como a fundação de uma casa. Uma fundação sólida, construída com materiais resistentes e bem assentados (a verdade, os testemunhos, os arquivos), permite que a casa (o futuro) seja erguida com segurança e estabilidade, capaz de resistir às tempestades. Uma fundação frágil ou ignorada, por outro lado, pode levar ao desabamento da estrutura.

Seu papel, como estudante e futuro profissional, é fundamental nesse processo. Seja na academia, no serviço público, na iniciativa privada ou no ativismo social, a capacidade de compreender e valorizar o dever de memória é um diferencial que permite atuar com maior consciência ética, promover a justiça e contribuir para uma sociedade mais informada, empática e resiliente.

# Consolidação e Próximos Passos

Conceito Central	Elementos Fundamentais	Perspectivas Ampliadas
O <a href="#">Dever de Memória</a> como imperativo para a construção de um futuro mais justo	Testemunhas, arquivos e comissões da verdade como pilares da preservação histórica	Interseccionalidade, estudos decoloniais e neurociência enriquecendo nossa compreensão

Nesta aula, mergulhamos no complexo e vital conceito do **Dever de Memória**, compreendendo-o não como um fardo, mas como um imperativo para a construção de um futuro mais justo. Exploramos a memória de eventos traumáticos como guerras, genocídios e ditaduras, destacando a importância de "nunca mais esquecer".

## Em Prática

Sempre questione as narrativas históricas dominantes, buscando outras perspectivas e vozes marginalizadas.

## Apoio Ativo

Apoie iniciativas que preservem a memória de grupos marginalizados e vítimas de violações de direitos humanos.

## Verificação de Fontes

Verifique a fonte das informações, especialmente em ambientes digitais, para combater a desinformação.

## Promoção do Debate

Use seu conhecimento para promover o debate informado sobre o passado e suas implicações no presente.

# Autoavaliação

01

## Questão 1

Qual das seguintes opções melhor descreve o principal objetivo de uma Comissão da Verdade, como a CNV no Brasil?

- a) Punir criminalmente os responsáveis por violações de direitos humanos
- b) Estabelecer a verdade histórica sobre violações de direitos humanos e promover a reconciliação
- c) Apagar o passado doloroso para que a sociedade possa seguir em frente
- d) Criar um novo sistema judicial para julgar crimes de guerra

02

## Questão 2

A interseccionalidade, no contexto da memória, nos ajuda a compreender que:

- a) A memória é um processo exclusivamente individual e subjetivo
- b) Todas as pessoas vivenciam e lembram traumas históricos da mesma forma
- c) A experiência da memória é atravessada por marcadores sociais como raça, gênero e classe
- d) A memória digital é a única forma relevante de memória na atualidade

03

## Questão 3

O fenômeno da "pós-verdade" e das "fake news" representa um desafio para o dever de memória porque:

- a) Facilita o acesso a informações históricas precisas e verificáveis
- b) Permite que fatos objetivos tenham mais influência do que apelos emocionais
- c) Promove a proliferação de narrativas falsas que podem manipular a percepção do passado
- d) Garante que todas as vozes sejam ouvidas de forma equitativa

## Questão 4

Em relação à Comissão Nacional da Verdade (CNV) no Brasil, é correto afirmar que:

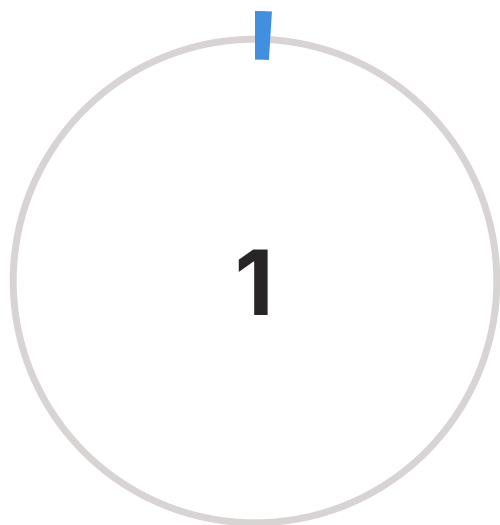
- a) Ela tinha poder para prender e julgar os responsáveis por crimes da ditadura militar
- b) Seu relatório final não identificou nenhuma vítima de morte ou desaparecimento político
- c) Foi criada para investigar violações de direitos humanos e esclarecer fatos sobre a ditadura militar, sem poder de punição
- d) Seu trabalho foi amplamente aceito por todos os setores da sociedade brasileira

## Questão 5

**Questão Dissertativa:** Explique, em poucas linhas, por que a perspectiva dos Estudos Decoloniais é importante para uma compreensão mais completa do "Dever de Memória".

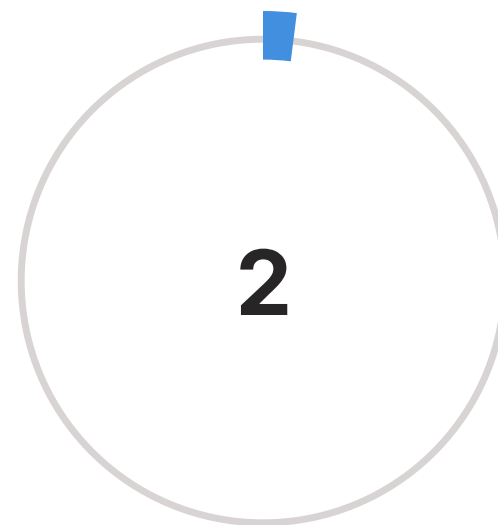
(Espaço para resposta reflexiva do estudante)

# Gabarito



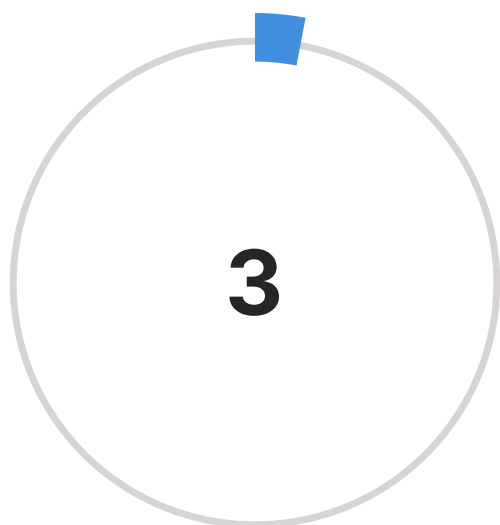
**Resposta: B**

Estabelecer a verdade histórica sobre violações de direitos humanos e promover a reconciliação



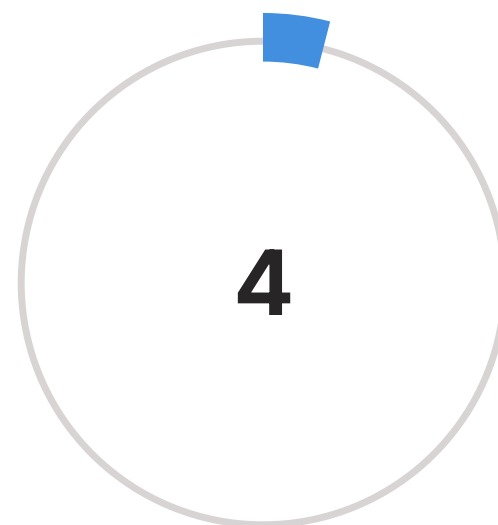
**Resposta: C**

A experiência da memória é atravessada por marcadores sociais como raça, gênero e classe



**Resposta: C**

Promove a proliferação de narrativas falsas que podem manipular a percepção do passado



**Resposta: C**

Foi criada para investigar violações de direitos humanos sem poder de punição

## ✔ **Questão 5 - Resposta Esperada:**

Os Estudos Decoloniais são importantes para o "Dever de Memória" porque questionam as narrativas hegemônicas, que muitas vezes silenciam ou minimizam os traumas e as experiências de grupos colonizados e subalternizados. Ao adotar essa perspectiva, é possível resgatar e valorizar memórias que foram historicamente apagadas, como as da escravidão ou da violência contra povos indígenas, promovendo uma compreensão mais justa, inclusiva e completa do passado.

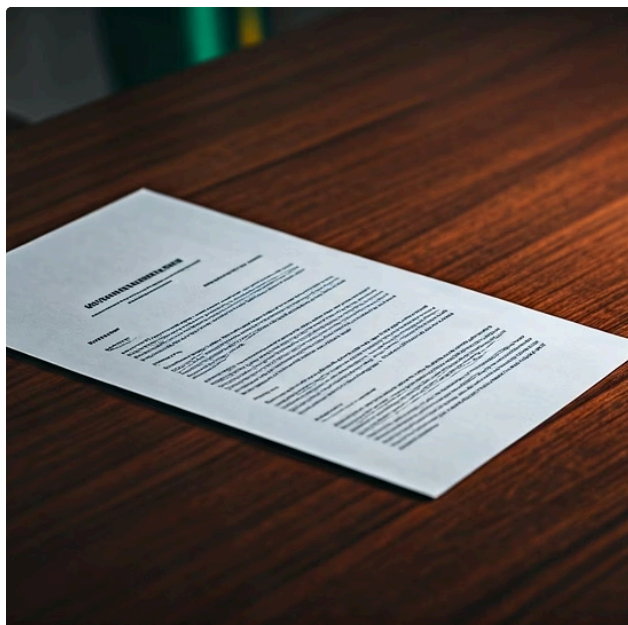
# Conexões e Recursos Adicionais

1

## Próxima Aula

### [Aula 11 – Políticas do Esquecimento: Anistias e Silenciamentos](#)

Aprofundaremos a discussão sobre como o esquecimento pode ser uma política ativa, analisando os mecanismos de anistia e silenciamento.



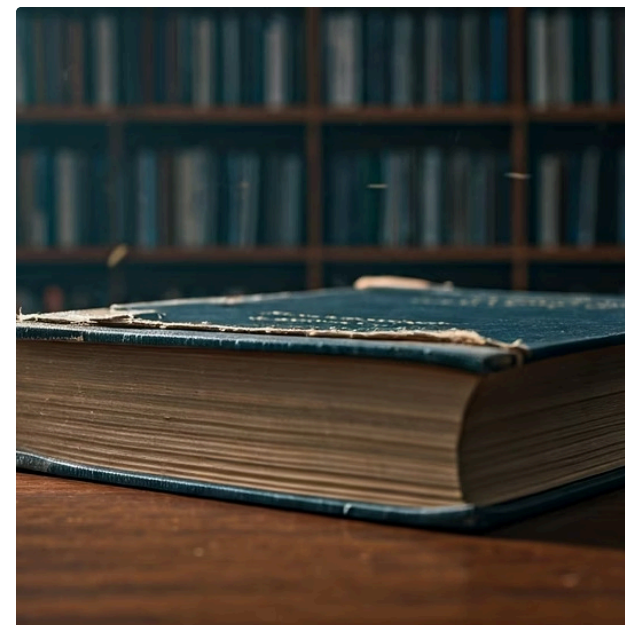
#### **Relatório Final da CNV**

Para aprofundar-se nos achados e recomendações da Comissão Nacional da Verdade brasileira.



#### **Documentário "Cidadão Boilesen"**

Para visualizar um caso emblemático de tortura na ditadura e o papel de civis na repressão.



#### **Livro "Memória e Esquecimento"**

Obra de Paul Ricoeur para uma base filosófica sólida sobre os conceitos fundamentais.

**i** **NOTA IMPORTANTE:** As informações regulatórias/legais/técnicas desta aula estão atualizadas até 2025. Consulte sempre fontes oficiais para verificar alterações.

A jornada da memória é contínua, e cada um de nós é um guardião dessa chama que ilumina o caminho para um futuro mais justo.